



DCO

QUARTA-FEIRA



Rejeição
Justiça social e equidade incomodam aqueles viciados nos privilégios.
LEIA NA PÁGINA A2

Rui Costa Pimenta
"No próximo período, se colocará em pauta o fim da monarquia"



Crise no Reino Unido com morte de Elizabeth II foi analisada pelo presidente do PCO no programa Análise de Terça, ocorrido ontem. – Foto: Reprodução

LEIA NA PÁGINA A4

CORRENTE SINDICAL NACIONAL CAUSA OPERÁRIA

CONTATOS:
(11) 98344-0068
(11) 996617-6178
(11) 98567-5847

Sem votos

Não é Alckmin ou Meirelles que elegerá Lula, e sim a CUT e o MST

Trocar os anseios populares da base petista por acordos com a burguesia não aumenta o apoio a Lula, mas sim o enfraquece

**Redação da
Editoria de Política
DCO**

Nesta segunda-feira (19), durante evento em Brasília, Henrique Meirelles (União Brasil) declarou, oficialmente, apoio à candidatura de Lula nas eleições deste ano. Além de Meirelles, Cristovam Buarque (Cidadania) e Marina Silva (Rede) também

estiveram presentes na ocasião. Meirelles, presidiu o Banco Central durante os primeiros governos petistas, entre 2003 e 2010. Além disso, foi ministro da Fazenda durante o governo Temer e, depois disso, concorreu, em 2018, à presidência pelo MDB. Ainda, vale lembrar que ele foi presidente do BankBoston, banco internacional que era voltado a finanças de alto nível.

Desde o começo de sua campanha, Lula e, principalmente, as pessoas à sua volta, têm tentado repetir a mesma fórmula que sempre usou: realizar alianças de todo tipo com a burguesia para que, então, receba seu apoio. Fórmula que, em 2002, antes de seu primeiro governo, foi característica de toda a sua campanha e, posteriormente, de seu mandato.

LEIA NA PÁGINA A3



Lula deve expulsar de sua campanha os vermes que a infectam e dar lugar aos trabalhadores e suas organizações. – Foto: Reprodução

Lula deve agradar o povo, não a burguesia

O monopólio das comunicações repercutiu evento da campanha eleitoral do PT em São Paulo, realizado na segunda-feira. Com o mote de reunir ex-presidenciais em apoio a Lula, os “estrategistas” do PT conseguiram juntar uma trinca da direita pró-imperialista Geraldo Alckmin, Henrique Meirelles e Marina Silva. Isso para não citar os esquerdistas

pró-imperialistas do Psol presentes, Guilherme “IREE” Boulos e a abertamente antipetista Luciana Genro. Já no dia do evento, a Folha de São Paulo divulgou entrevista com o banqueiro Ricardo Lacerda, do BR Partners Banco de Investimento. Eufórico, Lacerda exaltou o apoio de Meirelles à candidatura Lula. Segundo ele, em grau de importância

para a “conquista” dos empresários e da classe média antipetista, esse apoio ficaria atrás apenas do ingresso de Alckmin na chapa presidencial. O banqueiro ainda assinalou que, se confirmar Meirelles como seu ministro da Economia, Lula tem mais chances de conseguir uma vitória eleitoral no primeiro turno.

LEIA NA PÁGINA A2

"Chama o Meirelles"
Quem é Henrique Meirelles, o banqueiro que "apoia" Lula

A articulação por parte da direita e dos setores da direita dentro do PT tem o objetivo de trazer novamente em cena, e possivelmente ao comando do BC, o conhecido como “o mais longo presidente do Banco Central (BC)” reflete que caso o Lula venha de fato a vencer as eleições só poderá assumir se ele fizer parte do governo.

LEIA NA PÁGINA B1

Henrique Meirelles

Lula e PT reconhecem que o "mercado" manipula as eleições

Até a imprensa de esquerda caiu na onda de achar positiva a reação do mercado à candidatura de Lula. Estão comemorando o apoio de Henrique Meirelles que fez o Ibovespa subir 2% e cair a cotação do dólar. Meirelles, que já fez parte do governo de Lula, como presidente do Banco Central; esteve também com Michel

Temer e foi o responsável pela aprovação do ‘teto de gastos’, que nada mais é que uma exigência dos bancos, e do mercado financeiro, para que o governo não gaste com Saúde, Educação etc., para que sobre mais para os sanguessugas do ‘mercado’.

LEIA NA PÁGINA B2



O ‘mercado’ sempre vai ter um coelho na cartola quando se tratar de eleições. – Foto: Reprodução

EDITORIAIS



Lula deve agradar o povo, não a burguesia

O monopólio das comunicações repercutiu evento da campanha eleitoral do PT em São Paulo, realizado na segunda-feira. Com o mote de reunir ex-presidenciais em apoio a Lula, os “estrategistas” do PT conseguiram juntar uma trinca da direita pró-imperialista Geraldo Alckmin, Henrique Meirelles e Marina Silva. Isso para não citar os esquerdistas pró-imperialistas do Psol presentes, Guilherme “IREE” Boulos e a abertamente antipetista Luciana Genro. Já no dia do evento, a Folha de São Paulo divulgou entrevista com o banqueiro Ricardo Lacerda, do BR Partners Banco de Investimento. Eufórico, Lacerda exaltou o apoio de Meirelles à candidatura Lula. Segundo ele, em grau de importância para a “conquista” dos empresários e da classe média antipetista, esse apoio ficaria atrás apenas do ingresso de Alckmin na chapa presidencial. Para fechar, tentando fugar os crackeiros eleitorais que orbitam o PT, o banqueiro ainda assinalou que, se confirmar Meirelles como seu ministro da Economia,

Lula tem mais chances de conseguir uma vitória eleitoral no primeiro turno. Ao mesmo jornal, o próprio Meirelles deu o tom do seu apoio a Lula. Um novo governo do petista deveria repetir as diretrizes econômicas dos seus mandatos anteriores, ou seja, sem afetar os interesses dos parasitas do capital financeiro. Além disso, reforçou a necessidade de manter o governo engessado pelo teto de gastos e acenou para reformas administrativa e tributária que atendam ao apetite insaciável dos capitalistas. Cercado de abutres, Lula deixa sua campanha se deslocar cada vez mais à direita. O cálculo é que isso tornaria o petista mais palatável para a burguesia. Ao ponto de o considerarem a melhor opção para conduzir a política do governo federal conforme seus interesses. É razoável pensar que justo o único candidato popular à presidência seja o escolhido da burguesia? E, caso seja, que governo seria esse? Algum que valha a pena apoiar? Em primeiro lugar, é preciso ter claro que Lula nunca será o candidato preferido da burgue-

sia. Não por nenhuma divergência ideológica inconciliável, mas por um fato concreto, Lula é muito suscetível à sua base operária. A força política de Lula vem do apoio que tem das massas populares, apoio que não é meramente passivo, mas que empurra o petista para posições tão mais progressistas quanto maior for a crise social. Um fator que atrapalha muito o controle que a burguesia precisa ter sobre o regime político. Se a aproximação de Lula a figuras como Meirelles, Marina e Alckmin agrada a burguesia não é no sentido de aceitá-lo como melhor candidato à presidência. A burguesia sempre atua em diversas frentes para controlar o processo eleitoral e uma delas parece ser infiltrar todo tipo de rato na principal campanha da esquerda. Caso a crise política imponha uma vitória eleitoral de Lula, mesmo contra o boicote da burguesia, ela não perde todas as fichas, pois mantém elementos para sabotar seu governo por dentro. Uma vitória de Lula nesses termos não seria de fato um governo do PT, mas um governo dos bancos.



Ric Jones Rejeição

Há algumas semanas conversei com uma mulher sobre uma série de assuntos relacionados à sua gravidez e, depois de um certo tempo, ela fez um comentário de caráter político que me deixou curioso. Como ela tocou no assunto, resolvi espichar um pouco a conversa para entender onde ela se situava nesse espectro político. Por curiosidade, perguntei: — Mas afinal, em quem você vai votar? Ela fez uma cara de quem estava pensando e por fim, respondeu: — Ainda não escolhi, mas vai ser qualquer um, menos o Lula. Um pouco surpreso, perguntei a razão de eliminar preliminarmente o ex-presidente de suas preferências, ao que ela explicou: — Não adianta, não gosto dele. E não adianta tentar me convencer do contrário. O Lula trata as pessoas como se fossem coitadinhas, incapazes, fracas. Eu jamais precisei de ajuda para chegar onde cheguei. Não é porque sou negra que preciso ser tratada como inferior. Ela era, por certo, uma mulher negra de classe média baixa. Havia estudado, tinha acumulado

alguns bens (normais para seu estrato econômico) e tinha seu próprio pequeno negócio. Perguntei como poderia ser essa a visão que tinha de um sujeito simples, nordestino, operário, etc. Na minha cabeça, era pouco compreensível que as pessoas mais prejudicadas por uma estrutura social injusta como a nossa rejeitassem o personagem que mais representa a esperança de reversão dessa dura realidade. As respostas dela foram tão subjetivas que se tornam até inúteis para uma análise de suas causas. Falou coisas como “*O jeito que ele olha para os pobres*”, ou “*as palavras (falsas) que usa para falar deles*”, e até “*essa mania de falar da própria mãe, pobre e retirante*”. Eu me convenci de que não havia nada em sua fala sobre o que Lula havia feito de errado, mas seu rechaço se fundava sobre o que Lula é: um homem que, reconhecendo as dificuldades do povo mais oprimido – negros, pobres, mulheres, operários, gays, etc – lança sobre eles um olhar de reconhecimento e cuidado, mas que para alguns parece ofensivo. Perguntei sobre os candidatos ricos, de outras classes sociais, preocupados com suas próprias realidades próximas, e como ela lidava com o fato de que nenhum olhar seria direcionado aos pobres e destituídos. Questionei também

se ela entendia que esta rejeição a Lula nos levou a eleger um sujeito racista, homofóbico, misógino e que despreza os pobres e até a própria democracia. Sua resposta foi curiosa: — Ora, todos são racistas; ele é apenas mais um. O Brasil é um país racista; você, lá no fundo também é – e não adianta negar. Esse presidente ao menos é sincero e verdadeiro. Transparente. Por fim disse não aceitar nenhum tipo de postura, assim dita, assistencialista. Afinal, não é justo que os outros ganhem “de presente” o mesmo que ela batalhou tanto para alcançar. As ajudas do governo acabavam por diminuir o valor de tudo que ela havia conquistado em sua vida, algo inaceitável e injusto. Isso me fez lembrar os médicos que reclamavam do pagamento dado às doulas. Um deles, antigo e reacionário membro do conselho médico local, dizia que as doulas eram como “verdureiras”, no sentido de atuarem em uma “profissão” sem qualquer regulamentação, e que seria injusto ganharem bem quando os médicos – após anos de esforço – ganhavam quase o mesmo que elas. Sim, mais fácil depreciar o trabalho alheio do que reivindicar a valorização do seu. Quando a esquerda oferece mais equidade e justiça social esta pro-

messa incomoda algumas pessoas por parecer desmerecer suas conquistas, ao menos nesta percepção deteriorada delas. Acreditam que, para que suas coisas ganhem valor, é importante que outros só as obtenham mediante sacrifício. As ideias socialistas geram desde sempre a ilusão de extermínio da meritocracia, como se a justiça que apregoam fosse oferecer “*igualdade para os desiguais*”. Na verdade apenas promete que ninguém poderá ser privado de suas necessidades fundamentais e que o trabalho deverá ser remunerado com equilíbrio e sem exploração. Porém, diante da proposta de que todos devem ser remunerados com justiça é chocante ver o quanto de rejeição isso ainda provoca. Desisti de convencê-la a trocar seu voto, mas ao menos deixei claro que sua escolha era muito mais baseada na aversão à ideia de justiça social e muito menos nos defeitos de Lula. Ou seja, seu preconceito estava mais ligado às virtudes do que às imperfeições do candidato. Por outro lado, percebi que esse tipo de discurso é muito mais prevalente do que se pensa, e que é importante escutar o que estas pessoas têm a dizer.

* As opiniões dos colunistas não expressam, necessariamente, as deste *Diário*.

ESCOLHA DOS EDITORES

Sem votos

Não é Alckmin ou Meirelles que elegerá Lula, e sim a CUT e o MST

Trocar os anseios populares da base petista por acordos com a burguesia não aumenta o apoio a Lula, mas sim o enfraquece

Nesta segunda-feira (19), durante evento em Brasília, Henrique Meirelles (União Brasil) declarou, oficialmente, apoio à candidatura de Lula nas eleições deste ano. Além de Meirelles, Cristovam Buarque (Cidadania) e Marina Silva (Rede) também estiveram presentes na ocasião. Meirelles, presidiu o Banco Central durante os primeiros governos petistas, entre 2003 e 2010. Além disso, foi ministro da Fazenda durante o governo Temer e, depois disso, concorreu, em 2018, à presidência pelo MDB. Ainda, vale lembrar que ele foi presidente do BankBoston, banco internacional que era voltado a finanças de alto nível. Desde o começo de sua campanha, Lula e, principalmente, as pessoas à sua volta, têm tentado repetir a mesma fórmula que sempre usou: realizar alianças de todo tipo com a burguesia para que, então, receba seu apoio. Fórmula que, em 2002, antes de seu primeiro governo, foi característica fundamental de toda a sua campanha e, posteriormente, de seu mandato. A principal demonstração disso foi a escolha de Geraldo Alckmin (PSB) para compor a sua chapa como vice-presidente. Tucano que, principalmente após a sua passagem pelo governo de São Paulo, se consagrou como fiel inimigo dos trabalhadores brasileiros. Uma das pessoas responsáveis pela devastação neoliberal que assola o Brasil nos dias de hoje. Entretanto, a situação de hoje é completamente diferente daquela no passado. A burguesia já deixou absolutamente claro que não quer Lula no poder, demonstrando essa tese por meio do Mensalão, do golpe de 2016 e, posteriormente, com a prisão de Lula e a eleição de Bolsonaro, em 2018. Ou seja, por definição, não terá qualquer apoio por parte da burguesia propriamente dita. E os eleitores desses setores? Bom, se tivessem alguma base real, o argumento seria outro. Todavia, tanto Alckmin, quanto Meirelles, são figuras absolutamente falidas, marginais da burguesia. Depois de candidatos, em 2018, perderam qualquer espaço na situação política nacional e, efetivamente, tornaram-se elementos fadados ao exílio. Logo, se Lula foi eleito, decerto



Lula deve expulsar de sua campanha os vermes que a infectam e dar lugar aos trabalhadores e suas organizações. - Foto: Arquivo

que não será graças a essas infiltrações em sua campanha. Por um lado, não conseguem arrastar o setor principal da burguesia para que apoie a eleição de Lula, já que não possuem uma grande autoridade dentro dos capitalistas, e, por outro, não possuem nenhuma base concreta e, portanto, não conseguem angariar qualquer parcela considerável de eleitores. Acima disso, uma eventual vitória de Lula será graças à sua base militante, principalmente do Partido dos Trabalhadores (PT), da Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e, mais importante, graças ao Partido da Causa Operária (PCO) que, desde o princípio, tem sido vanguarda na luta por Lula Presidente. Por esse motivo, Lula está cometendo um enorme equívoco ao trair tal base militante, dando suas costas a ela e se apoiando em políticos profundamente reacionários, como é o caso de Meirelles e Alckmin. A história já deixou claro, inúmeras vezes, que somente a mobilização popular pode impor a vontade dos trabalhadores que, neste momento da história, toma a forma da campanha por Lula Presidente. Afinal, nenhuma grande conquista foi atingida por meio de acordos com a classe que, por princípio, age para atacar e mas-

sacar a classe operária. E mais! Se Lula foi eleito e chegar ao governo, não será Meirelles e nem Alckmin que correrão para socorrê-lo caso a burguesia o pressione para atacar cada vez mais os trabalhadores ou, em última instância, tente derrubá-lo do poder. Pelo contrário, servirão aos capitalistas da mesma maneira que Temer o fez durante o golpe de 2016, se consagrando como peça fundamental do processo golpista e, uma vez no poder, aplicando reformas avassaladoras contra os direitos do povo brasileiro. Quem correrá em seu socorro será justamente a base do PT, da CUT, do MST, do PCO e, de maneira geral, toda a classe operária que defende arduamente a candidatura de Lula. Foi, também, o que aconteceu após a sua prisão, em 2018. Quem tirou Lula da cadeia foram os trabalhadores que, organizados principalmente pelo PCO, realizaram gigantescas mobilizações pela liberdade de Lula e conseguiram arrancá-lo das mãos da burguesia. Onde estavam Alckmin, Meirelles ou, até mesmo, Marina Silva durante toda essa luta? A história mostra que estavam agindo ao lado do imperialismo para manter Lula na cadeia e esmagar cada vez mais a classe trabalhadora. E, se em momentos críticos não fizeram questão de

mover um dedo por Lula, não é agora que o farão. Antes, são oportunistas que utilizam a popularidade de Lula para se alavancarem na situação política nacional. No fim, não seriam absolutamente nada sem a muleta que Lula representa para essas figuras decrépitas. Levando isso em consideração, a campanha de Lula precisa, imediatamente, dar a volta em 180 graus e abandonar completamente as figuras de direita que estão parasitando a sua candidatura. Acima de qualquer coisa, deve ser uma campanha voltada para as massas que, com o seu apoio e, mais importante, sua mobilização, consiga defender a candidatura de Lula, elegê-lo e, depois, proteger o seu governo de qualquer investida que o imperialismo possa fazer contra ele. Caso contrário, está fadado à derrota e, conseqüentemente, ao aprofundamento do golpe de estado no Brasil. Algo que, à essa altura do campeonato, significaria o fortalecimento da direita nacional e, portanto, a implementação de uma política neoliberal nunca antes vista na história do País. Política essa que será responsável pela entrega de todo o patrimônio nacional ao capital estrangeiro e, por conseguinte, por uma devastação sem precedentes.

Rui Costa Pimenta

"No próximo período, se colocará em pauta o fim da monarquia"

Crise no Reino Unido com morte de Elizabeth II foi analisada pelo presidente do PCO no programa Análise de Terça, ocorrido ontem

Ontem (20) ocorreu novamente o programa Análise de Terça, apresentada pelos companheiros Henrique Áreas, João Pimenta e Rui Costa Pimenta. A análise ocorre no canal da Rádio Causa Operária, todas as terças, às 16h. Dentre os assuntos abordados, podemos destacar o caráter de um possível governo Lula, a caracterização do apoio a Lula nestas eleições e como a burguesia vê o candidato neste período. Além disso, também foram rapidamente abordados temas como a questão da crise na monarquia no Reino Unido e como está sendo a campanha do PCO neste período eleitoral.

Lula e a burguesia

Uma das primeiras questões levantadas foi a reunião de Lula com os ex-presidenciais, que teve presença de inúmeras figuras como Alckmin, Meirelles, Marina Silva, Guilherme Boulos, Luciana Genro, Fernando Haddad, entre vários outros. O companheiro Rui levantou, frente às dúvidas dos companheiros, que, apesar da quantidade de figuras execráveis presentes na reunião, isso não representou nada significativo, uma vez que boa parte deles são políticos burgueses e pequeno-burgueses apoiados por uma parte ínfima da burguesia. Rui reforçou que essa reunião não representa nada no sentido de mudança de posição da burguesia para com a candidatura de Lula.



Militantes do PCO realizam panfletagens e agitação entre os trabalhadores, por Lula Presidente.

Frente a essas colocações, um internauta perguntou a diferença entre os políticos do PSOL, os quais vêm sendo denunciados por serem financiados pela burguesia, e Lula, considerando ainda está última reunião. Sobre o assunto, o companheiro Rui afirmou que existe uma



Rui, Henrique e João durante a análise. - Foto: Reprodução Rádio Causa Operária

grande diferença de quando se é construído pelas greves, pela luta da população pelos seus direitos, como é o caso de Lula, e de quando se é artificialmente montado pelo imperialismo, como é o caso dos políticos do PSOL, como Boulos e Sônia Guajajara. Lula tem uma base, mas é um reformista e, como tal, vai entrar em contato com todos os setores possíveis para ser aceito — política a qual o PCO não concorda, mas é algo a se esperar de Lula. Uma pergunta interessante feita pelo apresentador João Pimenta colocava na mesa a possibilidade da burguesia estar se ausentando das eleições, uma vez que a política da classe dominante frente aos dois candidatos principais, Lula e Bolsonaro, não está muito clara. O companheiro Rui colocou que, de fato, não há muita clareza da política da burguesia para o momento, entretanto, isso não significa que não há uma política — muito pelo contrário, esse setor é altamente participante na política justamente por querer manter seu controle sobre o regime político, e por isso não vai abandonar a questão por um motivo qualquer.

Lula na imprensa

Outra questão interessante abordada pelos internautas durante o programa foi como a imprensa trata a questão de Lula. Muitos estão enxergando como se a imprensa estivesse atacando muito Bolsonaro e pouco Lula. O companheiro Rui reforça que, apesar dessas constatações, é importante observar que a imprensa não está atacando Lula diretamente, mas também não está elogiando. Além disso, ela também ataca indiretamente por outros meios, por exemplo, a entrevista de Simone Tebet publicada na Folha de S. Paulo, a qual estava recheada de ataques ao ex-presidente. O companheiro Rui também levantou a questão de que, devido à alta polarização das eleições, ataques ferrenhos a Lula na grande imprensa poderiam dar uma vantagem significativa a Bolsonaro. Isso ocorre porque, assim como perguntado por outro internauta, Bolsonaro não é o objetivo da burguesia. A candidata da terceira via é Simone Tebet, sendo Bolsonaro

apenas mais uma alternativa caso a primeira dê errado, assim como Alckmin pode ser outra. Na realidade, os planos da burguesia são diversos, uma vez que existe um regime que precisa ser mantido.



Militantes do PCO realizam panfletagens e agitação entre os trabalhadores, por Lula Presidente.

Monarquia britânica em declínio

Segundo Rui Costa Pimenta, “no próximo período, se colocará em pauta o fim da monarquia” britânica. A situação de fragilidade da monarquia pode dar lugar à independência da Escócia e algo semelhante poderia ocorrer também na Irlanda do Norte porque para esses países a associação com a Inglaterra é prejudicial à burguesia local, há muita insatisfação. No próximo período, vai se colocar em pauta a extinção da monarquia britânica — não é porque o Rei Charles III seria incapaz, mas porque a monarquia é algo esgotado e mal visto pelo povo britânico. Por isso também tanta propaganda despejada pela imprensa imperialista a favor da família real britânica.

O PCO nas eleições

Um internauta que acompanhava a transmissão ao vivo pergun-

tou qual deveria ser o caminho a seguir pela esquerda nestas eleições. O companheiro Rui reforçou que o PCO está nas ruas, em um momento de campanha intensa, por meio da distribuição de material impresso nas ruas. Tal ação é importante, reforçaram os companheiros, principalmente pelo alto nível de censura que o PCO sofre no momento, sem horário eleitoral, espaço na TV aberta, entre outros. Os companheiros também ressaltaram que esta é a maior campanha eleitoral já feita pelo PCO, com candidatos em 24 estados diferentes, além do número alto de pessoas envolvidas e quantidade de material quando comparada com as campanhas anteriores. Essa é uma campanha muito maior que as anteriores, e com muito destaque. Toda essa operação só é possível com altos níveis de organização e coerência entre as fileiras partidárias — esse, ressaltam os apresentadores, é o caso do PCO. Um fato que ressalta isso foi o teste feito pela Folha de S. Paulo, no qual o leitor responderia algumas perguntas e, no final, veria o quanto elas batiam com cada candidato a determinado cargo, fazendo com que o portal indicasse um candidato que se assemelhe às vontades do eleitor. Quando o teste foi feito entre os militantes do PCO, todos eles acertaram pelo menos 90% do questionário, o que, de acordo com os apresentadores, mostra a unidade dos militantes em torno do programa do partido, assim como a coerência dele. Um ponto interessante deste teste foi observar que todos os candidatos do PCB, por exemplo, responderam que são contra o armamento civil. Isso foi analisado como uma posição contrarrevolucionária, considerando que é inconcebível que um partido que se diz revolucionário seja contra o armamento do povo, já que desarmar a população é um obstáculo para a vitória da revolução. Outro partido que respondeu que é completamente contra o armamento foi a UP. Além disso, apenas um candidato do PSTU se declarou a favor da medida, o que trás à tona novamente a questão da falta de unidade programática do partido. Outro ponto levantado por um internauta foi perguntar qual o papel do PCO na situação política, criticar a esquerda ou à direita. O companheiro Rui esclareceu que a crítica é um exercício importante e uma das principais formas de esclarecimento político. Isso significa que, quando colocado, é necessário colocar a crítica a todos, à sua maneira, e de acordo com a situação. A análise dura um hora e é recheada de assuntos diversos e de interesse de todos. É possível enviar áudios ou contribuições para ter sua pergunta lida e respondida durante o programa. Se quiser saber mais, assista à análise desta última terça-feira!

ECONOMIA

"Chama o Meirelles"

Quem é Henrique Meirelles, o banqueiro que "apoia" Lula

Tendo passado por partidos como PMDB, PSDB, MDB, PSD e União Brasil, Meirelles é ex-presidente do Banco Central e um banqueiro conhecido do imperialismo



H. Meirelles um fiador no qual os empresários e os banqueiros pudessem confiar. - Foto: Reprodução

A articulação por parte da direita e dos setores da direita dentro do PT tem o objetivo de trazer novamente em cena, e possivelmente ao comando do BC, o conhecido como “o mais longo presidente do Banco Central (BC)” reflete que caso o Lula venha de fato a vencer as eleições só poderá assumir se ele fizer parte do governo. É assim porque o “deus mercado” considera essa figura política como um fiador em quem os empresários e os banqueiros possam confiar. O fato de a esquerda pequeno-burguesa propagandear que Meirelles pode ser a salvação de Lula vai nesse sentido, o de “tentar” garantir a posse dele caso as manipulações da direita imperialista não consigam realizar o objetivo central dela que é eleger a terceira via com Simone Tebet, Ciro ou quem for. Afinal já deixaram claro que não é Lula nem Bolsonaro, porém o Bolsonaro é aceitável, então Lula até mesmo com “chuchu” não é uma opção aceitável. Presenciamos frustrados, como eleitores e políticos, a completa falta de debate político nas campanhas. O que indica que esse tema é por si só bastante explosivo para a luta de classes,

pois trata de quem irá pagar as contas pela crise gigante, e com a indicação costumeira de que é a classe trabalhadora a eleita pelo estado burguês, isso elevaria a temperatura tendendo para a ruptura entre o sistema e o povo. Assim o “salvador da pátria” da direita, o Meirelles, dividiria o poder com o representante da esquerda, o Lula, operário e não disposto a aplicar toda receita de maldades contra o povo já muito penalizado pela crise. A campanha do Lula, que até agora encontra-se sem despertar o povo para a luta e defender seu candidato, está estagnada mesmo com os cerca de metade das intenções de voto. É fato notório que a luta de classes no Brasil e no mundo atinge níveis raramente vistos na história do capitalismo. O mais próximo disso seria o nível atingido na crise de 1929. Com isso abre-se a possibilidade de períodos muito turbulentos na luta do capital contra o trabalho. Com o capitalismo em completa deterioração faz com que os capitalistas adotem políticas mais audaciosas contra os trabalhadores para poder continuar a acumulação de riquezas para o capital e transferindo o peso da crise para o bolso do

trabalhador. Em meio a crise que assistimos encontramos a direita, a gestora do estado capitalista, em enormes dificuldades, dividida e sem muitas alternativas para manter o poder do imperialismo tanto no Brasil como pelo mundo afora. E como existe uma perspectiva concreta de Lula se eleger, precisam urgentemente de mais um representante do imperialismo, o Meirelles, que mesmo com Alckmin de vice não está sendo suficiente para acalmar o “deus mercado”. É consenso que Lula com “chuchu” é um prato indigesto. Henrique Meirelles é um político conhecido dos brasileiros por longas datas. Natural de Goiás, tendo sido alçado à vice-presidência do Bank of Boston em apenas quatro anos de serviços ao banco. Após mais seis anos chega a presidência do banco no Brasil. Em mais alguns anos chega a ser presidente do Bank of Boston internacional. Foi o primeiro brasileiro a ser presidente do banco global norte americano, isso no ano de 1996. A maior prova do relacionamento íntimo com o imperialismo, é impossível de imaginar outra. A carreira do imperialista não se

encerra por aí. No ano de 2002 aceita o “convite” para integrar o governo de Lula como presidente do BC, e assim não assumiu o cargo de deputado federal por Goiás, onde teve expressiva votação, dizem. Segundo o portal InfoMoney recebeu carta branca para domar a inflação. Conseguiu cumprir o combinado e ainda melhorou as reservas do país em dólar. Isso foi conquistado com a política de elevação dos juros para demonstrar ao mercado que queria controlar a inflação. No início de 2001 ela saiu de 16,5%, para fechar o ano em 19%. Em 2002 dos 19% chegou a 18% e encerrou o ano em 22%. Nos anos seguintes continuou em alta atingindo 26,5% de março a junho de 2003. Lembrando que juros altos com inflação corroem o poder de compra dos salários, aumentando a miséria, ao mesmo tempo que aumentam os lucros dos investidores no mercado financeiro. Bom para o capitalismo e péssimo para os trabalhadores. Esse mesmo cenário estamos enfrentando agora, onde a vitória de Lula é o que melhor podemos ter para diminuir a farra com o dinheiro do povo sendo usado para enriquecer os bancos, empresas e grandes investidores. É justamente esse parasitismo dos bancos que pioram as condições de vida dos trabalhadores, mais da metade do que o estado arrecada em impostos são para o pagamento aos bancos pela dívida e serviços dela. Se o estado fosse de posse dos trabalhadores a coisa seria muito diferente. Ao invés de pagar dívidas contraídas para financiar as empresas os bancos seriam estatizados e o dinheiro usado para construir hospitais, escolas, moradias e toda a infraestrutura das cidades melhorando as condições de vida de todos os brasileiros, não apenas dos mais ricos como é hoje. Atrair novamente um autêntico representante do imperialismo para um possível governo popular é querer manter os privilégios dos banqueiros, empresários à custa do sangue e suor do povo. Não dá mais para aceitar essa receita espúria. O governo tem que governar para o povo que tem menos condições que os bancos e empresas monopolistas para sobreviver.

POLÊMICA

Henrique Meirelles

Lula e PT reconhecem que o "mercado" manipula as eleições

Seriam os banqueiros e especuladores tão numerosos assim para arrecadar tantos votos?



O 'mercado' sempre vai ter um coelho na cartola quando se tratar de eleições. – Foto: Reprodução

A té a imprensa de esquerda caiu na onda de achar positiva a reação do mercado à candidatura de Lula. Estão comemorando o apoio de Henrique Meirelles que fez subir o Ibovespa subir 2% e cair a cotação do dólar.

Meirelles, que já fez parte do governo de Lula, como presidente do Banco Central; esteve também com Michel Temer e foi o responsável pela aprovação do 'teto de gastos', que nada mais é que uma exigência dos bancos, e do mercado financeiro, para que o governo não gaste com Saúde, Educação etc., para que sobre mais para os sanguessugas do 'mercado'.

O 'mercado' está feliz porque mais um direitista adere à candidatura Lula que, a essa altura do campeonato, mais se parece com aquelas criaturas marinhas nas quais vão se grudando parasitas ao ponto de mal se reconhecer o que está por baixo.

Na imprensa encontramos diversas manifestações de pessoas ligadas ao mercado financeiro, como Ricardo Lacerda, do BR Partners Banco de Investimento: *"depois da aliança com Geraldo Alckmin, o apoio de Henrique Meirelles a Lula é o fato mais importante na conquista do empresariado e parte da classe média que rejeita o petista"*.

Qual o intuito de se festejar esse tipo de apoio, ainda mais sabendo

que os bancos são inimigos do povo? Será que vale tudo para uma vitória no primeiro turno? Sim, é isso que muitos analistas acreditam, que todo apoio é necessário para derrotar Bolsonaro logo de saída. Acontece que o atual presidente seria um verdadeiro anjo se comparado ao capital financeiro, que o pariu, que lhe dá ordens.

Uma questão fica no ar: se estão considerando que apoio do 'deus mercado' é benéfico à candidatura de Lula. Temos que traduzir 'benéfico' como algo que 'traz votos', mas essa gente não tem votos.

Se pegarmos como parâmetro a manifestação em 12 de setembro de 2021, na Avenida Paulista, do MBL, João Doria e Ciro Gomes e gente do Psol, veremos que mal conseguiram preencher a frente do MASP (Museu de Arte de São Paulo). Ou seja, mesmo com apoio do Itaú e sabe-se lá quem do mercado financeiro, o evento foi um verdadeiro fiasco.

Não existe voto aí, e se o 'mercado' pode beneficiar, é claro que também pode prejudicar e, nesse caso, entendemos que seja tirando votos.

O jornalismo de esquerda parece que não enxergou que existe aí um problema. Muito disso se deve ao fato de se comprou a ideia de que as urnas brasileiras, e o sistema de votação, são invioláveis; um verdadeiro feito da tecnologia mundial.

Fica claro, para quem tem olhos para ver, que a burguesia controla as eleições. Seja por meio das pesquisas de intenção de voto, do uso da grande imprensa, da blindagem que faz das urnas. É simplesmente proibido questionar a segurança das urnas brasileiras, ainda que no mundo apenas três países se utilizem de urnas dessa geração.

Para sermos justos, é permitido, sim, questionar as urnas e o sistema eleitoral, desde que o questionador seja das forças armadas. O TSE, sob direção de Alexandre de Moraes, está fazendo várias concessões aos militares e faz parecer que se trata de um acordo de cavalheiros.

Se Bolsonaro é contra...

A esquerda, pobrezinha, caiu no truque da psicologia reversa. Para ela, como Bolsonaro questionou as urnas, significa que a coisa só pode ser boa. Vamos torcer para que Jair Bolsonaro não diga que a Terra é redonda, pois no minuto seguinte a esquerda passará a defender que não, que a Terra é mesmo plana.

Diferentemente da esquerda que, de um modo geral, faz política com o fígado, a burguesia é fria. O mercado está tentando viabilizar a terceira via; se isso der errado tentará, mais uma vez, o Bolsonaro. Caso vença Lula, já estão pendurando todo o tipo de traste para controlar seu governo.

O PT está colocando travas em futuro governo ao ressuscitar Alckmin, um político que nas eleições de 2018, apesar de ser o preferido pelo mercado e, lógico, pelo imperialismo; não chegou a 5% dos votos ficando com a quarta colocação. O que mostra que é um candidato odiado pela população. Em São Paulo, estado que governou por 12 anos (2001 a 2006 e 2011 a 2018), também ficou em quarto lugar, atrás de Ciro Gomes. Chega a ser mistério como esse sujeito se elegeu. Enfim, não vamos questionar as urnas eletrônicas pois é pecado. A aproximação desses setores de direita, como Meirelles, ou do Psol, Boulo, Marina Silva; tudo isso não passa de um problema que se manifestará com mais força em um futuro governo. Lula e o PT têm consciência de como a burguesia tem poder sobre as eleições, tanto que faz essas jogadas para tentar acalmar as coisas. No entanto, faria melhor se jogasse peso na base, se radicalizasse e deixa-se o mercado tremendo de medo. A força do PT e de Lula está no apoio popular.

A Bolsa subir ou o dólar cair, esse tipo de manchete, não faz a menor diferença para o trabalhador que mal consegue pagar as contas no final do mês. É com essa gente que o PT tem que se preocupar. O mercado não será nunca fiel a Lula, pois tem medo das expectativas que a população tem e cobra do petista. Cada trabalhador espera que Lula gere empregos, invista na Educação, devolva direitos trabalhistas e tudo isso significa prejuízo para os rentistas.

O mercado tentará de todas as maneiras controlar um governo petista, é muito provável que o amarre nas votações do Congresso, com ataques do Judiciário e até a tentativa de um novo golpe, não podemos descartar essa hipótese. Se isso se realizar, será somente a classe trabalhadora que ficará ao lado de Lula, como fez no período em que esteve preso.

Nessa reta final da campanha, faltando 11 dias para o primeiro turno das eleições, é preciso mais do que nunca que a esquerda do movimento se levante e pressione, que lote as ruas em apoio à candidatura de Lula, pois são as massas a única força decisiva para vencer a direita e mudar os rumos do País.